

Plano Piloto concentra emprego

Em três anos, número de pessoas que se deslocam das satélites para trabalhar em Brasília subiu 9%, revela pesquisa

DARSE JÚNIOR

O número de pessoas que moram nas cidades-satélites do Distrito Federal e são obrigadas a se deslocarem para o Plano Piloto, o Lago Norte e o Lago Sul para trabalhar aumentou 9% entre julho de 2000 e o mesmo mês de 2003. Há quatro anos eram 282,7 mil migrantes diários; hoje, o número pulou para 308,2 mil – ou seja, 25,5 mil trabalhadores a mais.

O motivo é a grande concentração de oferta de trabalho em Brasília. Dos 834 mil postos de ocupação do DF, mais da metade (425,2 mil) estão concentrados no Plano Piloto. Os dados são da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED/DF) desenvolvida pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese).

Atualmente, a quantidade de pessoas que trabalham no centro, mas moram nas cida-

des vizinhas é quase três vezes maior que o número de pessoas que trabalham e moram em Brasília. "Os dados mostram que há uma concentração muito grande da oferta de trabalho. O governo deveria ser mais enérgico para promover a descentralização", diz Aldo Paviani, professor do Departamento de Geografia da Universidade de Brasília, especialista na configuração sócioeconômica do DF.

Segundo Paviani, as iniciativas do governo – como, por exemplo, a criação das Áreas de Desenvolvimento Econômico (Ades) – ainda são tímidas para promover uma alteração significativa na geografia econômica do DF. O especialista defende o estímulo à abertura de novos postos de trabalho nos subúrbios e a criação do mínimo possível de empregos no Plano Piloto. "Não há necessidade nem dos anexos do órgão públicos ficarem centralizados. Com a

atual tecnologia poderíamos, facilmente, criar um anexo em Sobradinho, por exemplo", sugere Paviani.

Com a centralização da oferta de trabalho e a consequente migração diária, vários problemas são gerados – entre eles congestionamentos e superlotação do sistema de transporte coletivo, hospitalar e educacional. Sem falar no estresse e cansaço dos milhares de trabalhadores que têm de enfrentar as viagens extremamente desgastantes diariamente para chegarem ao local de trabalho. Por isso, sua produção é bem menor do que poderia ser.

É o caso do pedreiro Francisco de Assis de Oliveira, que mora em Samambaia e trabalha no Aeroporto. "Já chego cansado no trabalho. A viagem é muito longa", diz o pedreiro, que há 10 anos só arruma emprego no Plano Piloto: "Em Samambaia, é muito difícil arrumar uma ocupação".

FOTOS: MINERVINO JÚNIOR



O pedreiro Francisco mora em Samambaia e trabalha no Aeroporto: "Já chego cansado"

Exército de desempregados

A População Economicamente Ativa (PEA) do DF, formada por empregados – formais e informais – e desempregados cresceu 13,5% de julho de 2000 para 2003. Há quatro anos, o número ficava em 995,8 mil; hoje, está em 1.128,8 mil. Não foi apenas a PEA que registrou aumento nos últimos quatro anos: a taxa de desemprego subiu em todos os grupos de unidades administrativas estudadas.

Em julho de 2000, no Plano Piloto, Lago Norte e Lago Sul, a taxa de desemprego era de 8,8%. No mesmo mês deste

ano, o índice foi para 10,2% – um crescimento relativo de 15,9%. Atualmente, há 14,5 mil desempregados em Brasília, sendo que há quatro anos eram 12 mil.

Nos grupos de cidades economicamente menos privilegiadas, o crescimento do desemprego foi ainda maior. No grupo 2, onde estão as cidades de poder aquisitivo intermediário, o crescimento do desemprego no mesmo período ficou em 19,3% – e, no grupo 3, o mais pobre, o aumento ficou em 16,5%. Os dois grupos juntos têm um exército de de-

sempregados estimado em 248,6 mil pessoas.

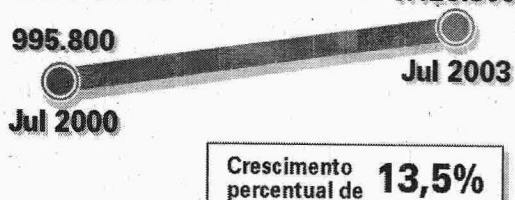
"Essa diferença entre os grupos 2 e 3 pode ser explicada pelas políticas do governo, que direcionam as ocupações para as classes menos abastadas", diz a coordenadora-técnica da PED/DF pelo Dieese, Graça Ohana. Ela explica que o grupo 1 é mais estável, porque boa parte dos empregos pertencem à administração. O grupo 2 sofreu mais com a recessão que o 3, porque as políticas do governo são direcionadas para a classe mais pobre.

OS NÚMEROS

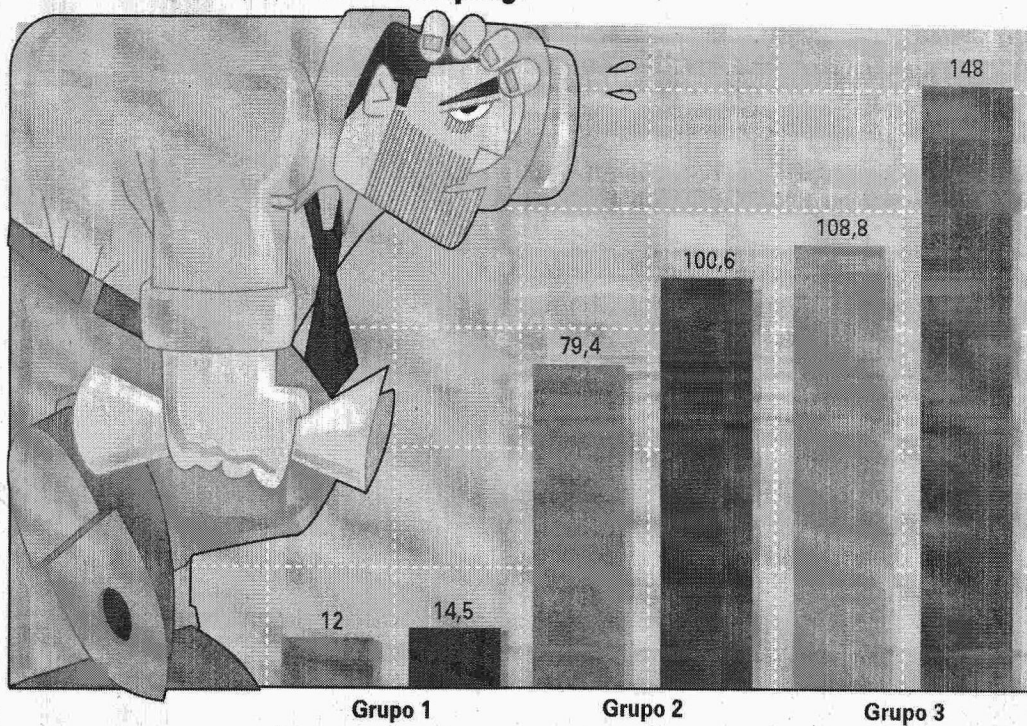
Pessoas ocupadas



População economicamente ativa do DF



Crescimento da taxa de desemprego



Grupo 1	Mais rico 15,9%	Plano Piloto, Lago Norte e Lago Sul
Grupo 2	Intermediário 19,3%	Gama, Taguatinga, Núcleo Bandeirantes, Guará, Sobradinho, Planaltina, Guará, Cruzeiro, Candangolândia, Riacho Fundo
Grupo 3	Mais pobre 16,5%	Brazlândia, Ceilândia, Samambaia, Paranoá, São Sebastião, Santa Maria, Recanto das Emas

(Valores em mil pessoas)

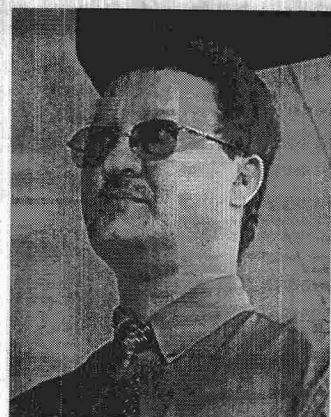
Editoria de Arte/Cicero

A VIDA NO BALANÇO DO ÔNIBUS



José Maria da Silva, motorista de ônibus, morador de Riacho Fundo II

Todos os dias vem para o Plano Piloto para trabalhar. Como é motorista de ônibus no trecho Setor O/Rodoviária, conhece bem a realidade dos milhares de trabalhadores das cidades do subúrbio do DF. "Os carros estão sempre cheios nos horários de pico. Em sua esmagadora maioria, são trabalhadores que não arrumam ocupação nas cidades em que moram." Ele conta ainda que sempre que têm de resolver problemas ou até mesmo para se divertir se deslocam para o Plano.



João Antônio de Oliveira, aposentado, morador de Brazlândia

É escritor nas horas vagas e, sempre que tem de resolver algum problema, é obrigado a se dirigir para o Plano Piloto. "A viagem é exaustiva", comenta João. Para ele, se houvesse uma descentralização dos serviços bem como da oferta de trabalho, a população seria melhor atendida e não teria de enfrentar o "demorado e cansativo" deslocamento. "Poderiam, ao menos, melhorar as condições físicas do transporte coletivo, enquanto ainda há a concentração", diz.



Rita de Cássia, aposentada por invalidez, mora no Recanto das Emas

Pelo menos três vezes por semana, a ex-empregada doméstica é obrigada a se deslocar do Recanto das Emas para o Plano Piloto. Ela sofreu um derrame este ano e ficou com o lado direito paralisado. Como em sua cidade não há nenhum hospital habilitado a tratá-la, Rita anda mais de uma hora de ônibus, às vezes em pé, para chegar ao Hospital Regional da Asa Norte (HRAN), onde faz terapia três. "É muito difícil", diz, com certa dificuldade, por conta da paralisação que atinge também seu rosto.